

A DIVERSIDADE CULTURAL E O CERRADO: IMAGENS QUE FALAM

Delwing, Andréa Becker¹; Piccinini, Gema Conte²;

Palavras chave: Cerrado, conservação, bioma, diversidade cultural, imagens.

INTRODUÇÃO

Um dos mais frágeis ecossistemas brasileiros é o Cerrado, que ocupa áreas dos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia, Maranhão, Roraima, Piauí, Pará, e Rondônia e do Distrito Federal, ocupando esse bioma cerca de 22% do Território Nacional (Brasil, 2004).

Apesar de sua riqueza em biodiversidade, o Cerrado hoje encontra-se muito fragilizado. A rica flora com cerca de seis mil espécies de árvores e fauna com aproximadamente oitocentas espécies, incluindo grande variedade de peixes e outros animais não vem sendo poupados pelo avanço de monoculturas e criação de animais. (Brasil, 2004). Estão em risco de desaparecer não apenas as riquezas naturais mas também a cultura de um povo que detém um conhecimento tradicional da biodiversidade do Cerrado e que ainda é passado de uma geração para outra apenas de forma verbal.

Através de ações de ONGs, pastorais, universidades, associações comunitárias e poder público está sendo fortalecido um movimento para a conservação e uso sustentável do Bioma Cerrado. O 4º Encontro de Parteiros, Benzedeiras e Raizeiras do Cerrado, realizado em agosto do presente ano, na histórica cidade de Goiás-GO, fez parte deste movimento através da proposta e encaminhamento de um documento resultante da colaboração de todos os participantes do evento a fim de possibilitar a elaboração da Farmacopéia Popular do Cerrado.

O presente trabalho é o relato, através da linguagem fotográfica, de uma vivência das autoras em um momento de reflexão e congregação de forças rumo ao fortalecimento de uma política de preservação do Cerrado e dos conhecimentos etnobotânicos de seu povo.

¹ Bióloga, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Fitotecnia, Dep. de Horticultura da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS. Rua Ney da Gama Ahrends, 179/casa 21. Bairro Protásio Alves – 91450345/Porto Alegre-RS. E-mail: abdelwing@ig.com.br

² Enfermeira, Mestre em Obstetrícia, professora da UFRGS e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Fitotecnia, Dep. de Horticultura da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS. E-mail: gema@enf.ufrgs.br

DESENVOLVIMENTO

A destruição do Cerrado está ocorrendo principalmente por empreendimentos agrícolas baseados em monoculturas ou mesmo pela devastação de grandes áreas para a criação de gado, causando a degradação sócio cultural e ambiental do Cerrado.

Estas práticas, além de colocarem em risco a riqueza natural dessa região, descaracterizam os saberes locais e fragilizam a sobrevivência de um povo intimamente ligado a estes recursos. De acordo com dados do Núcleo do Cerrado do Ministério do Meio Ambiente, muitas são as populações que sobrevivem dele, incluindo indígenas e quilombolas, que fazem parte do patrimônio histórico e cultural brasileiro, e detêm um conhecimento tradicional da biodiversidade do Cerrado.

.Nos últimos anos, diferentes organizações vêm trabalhando no sentido de mudar a realidade do Cerrado. Com a articulação das entidades cada vez mais bem estruturada, o movimento vem ganhando envergadura.

O 4º Encontro de Parteiras, Benzedeadas e Raizeiras do Cerrado, realizado pela Rede Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, Articulação Pacari e Rede Cerrado (ONGs), Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás, Universidade Federal de Minas Gerais e Governo Federal, além dos muitos apoiadores, nos dá a dimensão deste movimento através da diversidade de parceiros envolvidos no processo.

Nos três dias de duração do encontro, que ocorreu de 12 a 15 de agosto de 2004, houve participação efetiva das pessoas que vivem diretamente dos recursos do Cerrado. As parteiras puderam discutir abertamente sobre suas dificuldades em exercer a profissão e o quanto as ervas e raízes do Cerrado já as auxiliou no trabalho. Peças teatrais foram realizadas envolvendo todos os presentes no evento demonstrando que a extração de plantas para uso das comunidades locais não é a maior causadora dos danos do Cerrado, no entanto, a coleta adequada pode ser uma aliada no processo de conservação.

A realização de oficinas propiciou a formação de pequenos grupos, oportunizando a discussão de temas de interesse comum, como as práticas de reza, benzimento, folia de reis, óleos, parto, sementes crioulas, receitas de milho e frutos do Cerrado, garrafada e raízes, práticas intimamente ligadas aos recursos daquele ecossistema. Representações teatrais devolveram ao grande grupo as reflexões das oficinas sobre os temas.

Um marco, tanto do encontro como do movimento em busca de um Cerrado mais sustentável, foi a leitura da Carta do Conhecimento Popular do Cerrado, elaborada a partir de debates e contribuições de todos os participantes do evento, objetivando a

Legitimação da Farmacopéia Popular do Cerrado, política que viabilizará estudos etnobotânicos e registros de práticas tradicionais ligadas à vegetação do Cerrado. As monografias serão realizadas por pesquisadores em parceria com a comunidade local. Serão compiladas informações sobre as mais variadas plantas utilizadas pela comunidade do Cerrado, constituindo uma verdadeira cartilha dos conhecimentos etnobotânicos que de geração em geração vem sendo passados, até então somente sob a forma verbal.

Desde o início do evento objetivamos refletir e registrar as vivências na região através de imagens. Os relatos e conversas informais com pessoas tão diversas e sábias voltou nossos olhares para as histórias de vida individuais. A partir daí, surgiu a idéia de fotografar algumas pessoas que representassem um pouco da diversidade cultural ligada aos recursos do Cerrado.

O resultado pode ser conferido através das expressões faciais e falas documentadas durante o evento. Através do trabalho, pretende-se mostrar a arte de diferentes pessoas que tem na conservação do Cerrado sua luta e sua esperança.

CONCLUSÕES

Lá, naquele encontro do Cerrado, sentimos emergir uma força, uma consciência nativa, plural, uma luta pacífica, cultural. Um movimento contra o progresso não desenvolvimentista que está lentamente mudando a face daquela região.

Percebemos que a pluralidade ímpar da vida do cerrado está sendo subtraída por imensos tapetes marrons, verdes e amarelos que se sucedem sob o nome de agronegócios. Segundo Coutinho, (2000) cerca de 45% da área do domínio do Cerrado já foram convertidos em pastagens cultivadas e lavouras diversas. Apesar da existência de significativas unidades de conservação do Cerrado, elas parecem ser insuficientes e abandonadas. O Parque Nacional das Emas, por exemplo, é uma verdadeira ilha de Cerrado em meio a um mar de soja (Coutinho, 2000).

Natureza e povo, parceiros e cúmplices, clamam por espaço e mudanças. Universidades, ONGs, pastorais, forças políticas juntamente com índios, quilombolas e outras culturas locais estão desencadeando um movimento de juntar forças no intuito de tentar salvar espaços e culturas desse bioma único e pouco conhecido.

Diante do nosso compromisso acadêmico de informar, revelar e discutir, trouxemos o relato desta nossa vivência do Cerrado através de uma mostra fotográfica, principalmente por acreditarmos que vem ao encontro dos objetivos deste evento. A conservação com inclusão social é o caminho para tornarmos os ecossistemas mais

sustentáveis em todos os cantos do Brasil. A realidade do Movimento Articulado do Cerrado, mais do que objeto de compreensão e discussão pode servir de orientação para atuações locais e projetos regionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Ministério do Meio Ambiente - Núcleo do Cerrado (Secretaria de Biodiversidade e Florestas /MMA) Conservação e uso sustentável, valorização das populações locais e fortalecimento Institucional, 2004 – divulgação/programa cerrado.

www.rede-mg.org.br

Coutinho,L.M. 2000. http://eco.ib.usp.br/cerrado/aspectos_conservacao.htm